



WORLD
WARCRAFT
THE WAR WITHIN

CORAÇÃO DA TERRA

DE ADAM CHRISTOPHER



1
CÚPULA em BORALUS

HISTÓRIA

ADAM CHRISTOPHER

ILUSTRAÇÃO

BRUSH SAUCE STUDIO

EDITORIAL

CHLOE FRABONI

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

COREY PETERSCHMIDT

CONSULTORIA DE HISTÓRIA DO JOGO

SEAN COPELAND

CONSULTORIA CRIATIVA

RAPHAEL AHAD, KEITH RILEY CO, AARON OLSON,
ABIGAIL MANUEL, CHRIS METZEN, STACEY PHILLIPS,
KOREY REGAN

PRODUÇÃO

BRIANNE MESSINA, AMBER PROUE-THIBODEAU,
CARLOS RENTA, TAKAYUKI SHIMBO



Blizzard.com

© 2024 Blizzard Entertainment, Inc., Blizzard Entertainment e o logo da Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc., nos EUA ou em outros países.

Publicado pela Blizzard Entertainment.

Esta história é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são frutos da imaginação do autor ou artista ou são usados de modo fictício, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou não, instituições comerciais, acontecimentos ou locais reais é mera coincidência.

A Blizzard Entertainment não exerce controle sobre sites do autor ou de terceiros e seu conteúdo nem é responsável por eles.



“Eu daria dinheiro para saber o que você está pensando”, disse a voz calorosa atrás dela, “mas receio que o preço seja alto demais.”

A Grã-senhora Jaina Proudmore deixou de lado a vista da cidade quando seu velho amigo se juntou a ela no parapeito. A despeito do tamanho e da armadura pesada, de alguma forma ele subira a estreita escada caracol da torre mais alta da Fortaleza Proudmore sem fazer barulho.

Thrall se debruçou nas velhas pedras, olhou para Boralus e respirou fundo o ar gelado. “Dá para ver por que você gosta desse lugar.”

Jaina fez que sim com a cabeça. A torre lhe proporcionava solidão e privacidade para pensar, enquanto a vista de Boralus lhe dava perspectiva, lembrando-a de onde estava — e de *quem era*.

E naquele momento, enquanto a névoa marinha se dissipava, Boralus brilhava como uma safira ao amanhecer. Mais de mil telhados, uma centena de torres, todas brilhando com a promessa de um novo dia. De sua própria torre Jaina conseguiu um vislumbre de seu domínio, das montanhas nevadas ao grande porto onde se encontrava a poderosa frota kultirena, com uma dúzia das embarcações mais velozes de prontidão

e às suas ordens.

“Eu sei que você achou que seria fácil”, disse Thrall.

Jaina piscou e saiu do devaneio. O rosto de Thrall perdera parte do medo que ela vira no dia da queda de Dalaran. Contudo, pairava ainda uma sombra sobre ele... sobre ambos. Lá no alto era fácil esquecer a escuridão ardilosa no coração do mundo, que logo assomaria não apenas sobre Boralus, mas sobre toda Azeroth, se não conseguissem derrotá-la.

“Fácil... não é bem a palavra.” Ela soltou um suspiro. “Mas, sim, eu esperava mais.”

Ela contara dez alvoradas desde aquele dia terrível. E a cada noite desde então Jaina revivia o terror daquele momento em sonho, a cidade de luz e maravilhas arrancada do céu de Khaz Algar como um brinquedo de criança.

Mas o pesadelo tinha sido real. E Jaina sabia que era só o começo.

Algo terrível se aproximava. Outra Cisão, outro Cataclismo. Um mal que tinha nome.

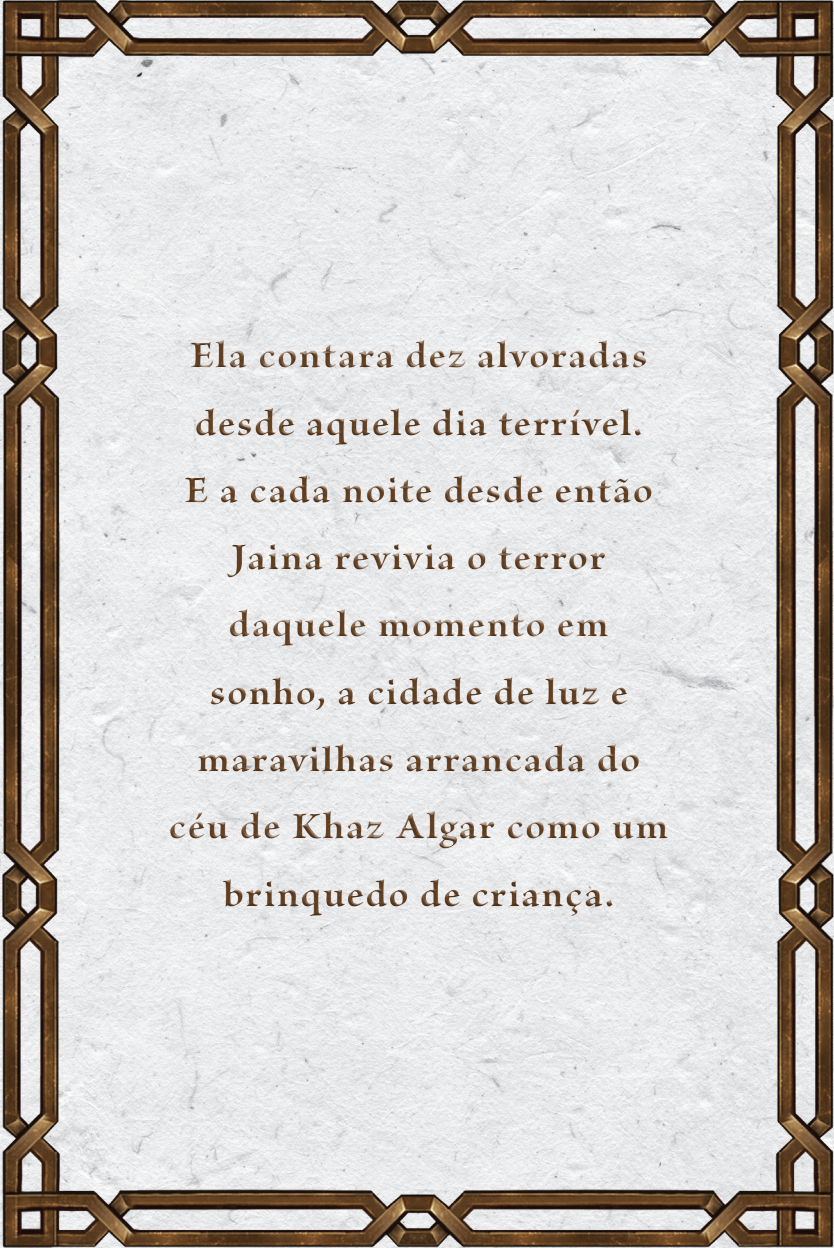
Xal'atath.

Aqueles dez dias desde que Jaina e Thrall haviam voltado a suas respectivas capitais tinham sido frenéticos. Mensageiros haviam sido despachados para os quatro cantos de Azeroth, com plena autoridade da Horda e da Aliança e uma mensagem única e imperativa: um chamado à união, a todo líder, para uma reunião em Boralus, já prontos para enfrentar essa nova inimiga. Eles viriam, Jaina estivera certa disso.

E alguns vieram... mas muitos, não.

Talvez ela tivesse sido ingênua, em retrospecto, sem a noção do quanto o Canto Radiante afetou os povos do mundo. Naquele momento mesmo, olhando sua cidade, com guardas em patrulha, trabalhadores nas docas, estalajadeiros varrendo suas entradas enquanto mercadores rolavam barris e enchiam carroças, ela ainda se perguntava quantos de seu povo teriam ouvido o canto, transtornados com a visão e a voz. Quantos estariam com medo, perguntando-se qual seria o significado daquilo.

Houve um tinido metálico atrás deles, seguido de palavras murmuradas e passos pesados na escada em espiral. Jaina e Thrall viram Danath Matatroll emergindo no topo. Ele parou para respirar, arfando sob o tabardo vermelho.



Ela contara dez alvoradas
desde aquele dia terrível.
E a cada noite desde então
Jaina revivia o terror
daquele momento em
sonho, a cidade de luz e
maravilhas arrancada do
céu de Khaz Algar como um
brinquedo de criança.

“Pelo sangue de Thoradin”, exclamou, “para um povo do mar, os kultirenos gostam de uma escada!”

Jaina conteve uma risada. Não conseguiu evitar, mesmo de mau humor. Danath tinha sido o primeiro a atender ao chamado dela. Já fazia dias que estava na cidade ajudando a preparar a reunião de cúpula. Se estava decepcionado com as respostas dos demais líderes conforme elas vinham chegando, não dava sinais. Em vez disso, estava sendo uma companhia sólida, um excelente conselheiro e um grande amigo.

“Encontraram uma solução?”, indagou Thrall.

“Na verdade”, respondeu Danath, “acho que encontramos.” E voltou à escada. “Venham. Há muito a discutir.”



Jaina conseguia ouvir as discussões abafadas enquanto ela e Thrall seguiam com Danath de volta à sala de reuniões, no coração da Fortaleza Proudmore. Com o retorno do trio, o debate deu lugar a um silêncio respeitoso.

Os líderes reunidos haviam debatido a noite inteira, tentando superar desafios geográficos e políticos para arregimentar uma força-tarefa que Jaina e Thrall pudessem levar para Khaz Algar. E naquele momento, com os representantes em torno da grande mesa de guerra no centro do aposento, Jaina ousou ter a esperança de que Danath lhe tivesse dito a verdade, de que logo seriam capazes de tomar a iniciativa contra Xal'atath.

Os líderes a responder à convocação conjunta de Jaina e Thrall eram, ela refletiu, uma mistura incomum. Do lado da Horda estava Aggralan, Aggra, da Harmonia Telúrica e companheira de vida de Thrall; Baine Casco Sangrento, Grande Chefe dos taurens, era um gigante ao lado de Thalyssra, Primeira Arcanista dos Filhos da Noite, que por sua vez era alta perto de Kiro, Líder da Caravana dos vulperinos Voldunai.

Do outro lado da mesa estavam os representantes da Aliança: Shandris Plumuluna, recém declarada líder dos elfos noturnos, e o Magíster Umbric dos elfos caóticos estavam quase lado a lado, formando uma dupla impressionante, até bela, acompanhando a robusta silhueta de Kurdran Martelo Feroz, anão enviado como representante de Falstad do Conselho dos Três Martelos. E, por fim, Tess Greymane representava Guilnéas com o título de rainha e, do grupo, parecia talvez a mais pronta

para uma batalha em seu traje de couro roxo e marrom. Foi ela quem quebrou o silêncio, e o cumprimento caloroso foi um alívio para Jaina, que não sabia o que esperar daquele grupo. Quando os haviam deixado, horas antes, os ânimos estavam exaltados e a atmosfera, tensa. Cada um discorria sobre seu respectivo fardo e as limitações que aquilo lhe impunha para contribuir com a força-tarefa.

Jaina chegou mais perto da mesa, então coberta por um grande mapa que não estivera lá antes. Ela reconheceu a região imediatamente.

“O Planalto Arathi?”

Danath abriu a boca para falar, mas Umbric se adiantou.

“É um risco”, disse em voz baixa, apoiando o queixo nos longos dedos azuis. “Eu preciso de algo menos... *incerto*.”

“Disso precisamos todos”, respondeu Baine. O tauren cruzou os braços e ergueu a cabeça, fazendo Thalysra se abaixar para se esquivar do cocar de penas. “Mas às vezes o que precisamos e o que temos são coisas diferentes.”

“Concordo.” Shandris se debruçou sobre a mesa. “Precisamos aproveitar e fazer bom uso da oportunidade que se apresenta.”

Jaina olhou para cada um no grupo. “Que oportunidade? Danath?”

“A 7ª Legião.” Ele apontou para seu próprio reino no mapa do Planalto Arathi. “Há uma força considerável reunida em Stromgarde. Um exército pronto, à espera de ordens.”

Thrall coçou o queixo. “Interessante. Quem está no comando da guarnição?”

“Minha sobrinha, Marran”, respondeu Danath. “Como minhas obrigações diplomáticas me prendem em Ventobravo, ela hoje é a regente de Stromgarde. Eu soube que ela vem reforçando a posição com a 7ª Legião Auxiliar.” Ele espalmou as mãos frente ao peito. “Decisão dela, mas tenho certeza de que ela está...”

“Alimentando as tensões com os Mag’har.” Aggra deu um passo à frente, balançando a cabeça. “A Horda concedeu a base da Ruína do Martelo aos orcs refugiados no Armistício. Depois da Quarta Guerra, a Senhora Suprema Geya’rah e o povo dela não tinham para onde ir. A terra em torno da Ruína do Martelo é parecida com Nagrand, um lugar pacato para o povo dela começar de novo em Azeroth.” Ela apontou para o outro lado do mapa, onde o forte dos orcs se aninhava nas colinas, e se

virou para Thrall. “Mas as feridas da Draenor dela ainda não sararam para Geya’rah... nem para o povo dela. Os Kor’kron agora treinam lá em grande número a pedido dela, para desencorajar ações de Stromgarde.” Ela olhou para Danath com uma expressão dura. “O que Stromgarde faz, a Ruína do Martelo responde.”

Kurdran praguejou baixinho. “Camorra antiga, que a gente contava morta”, disse ele, cofiando a barba grossa. “A situação no Planalto não está nada boa.”

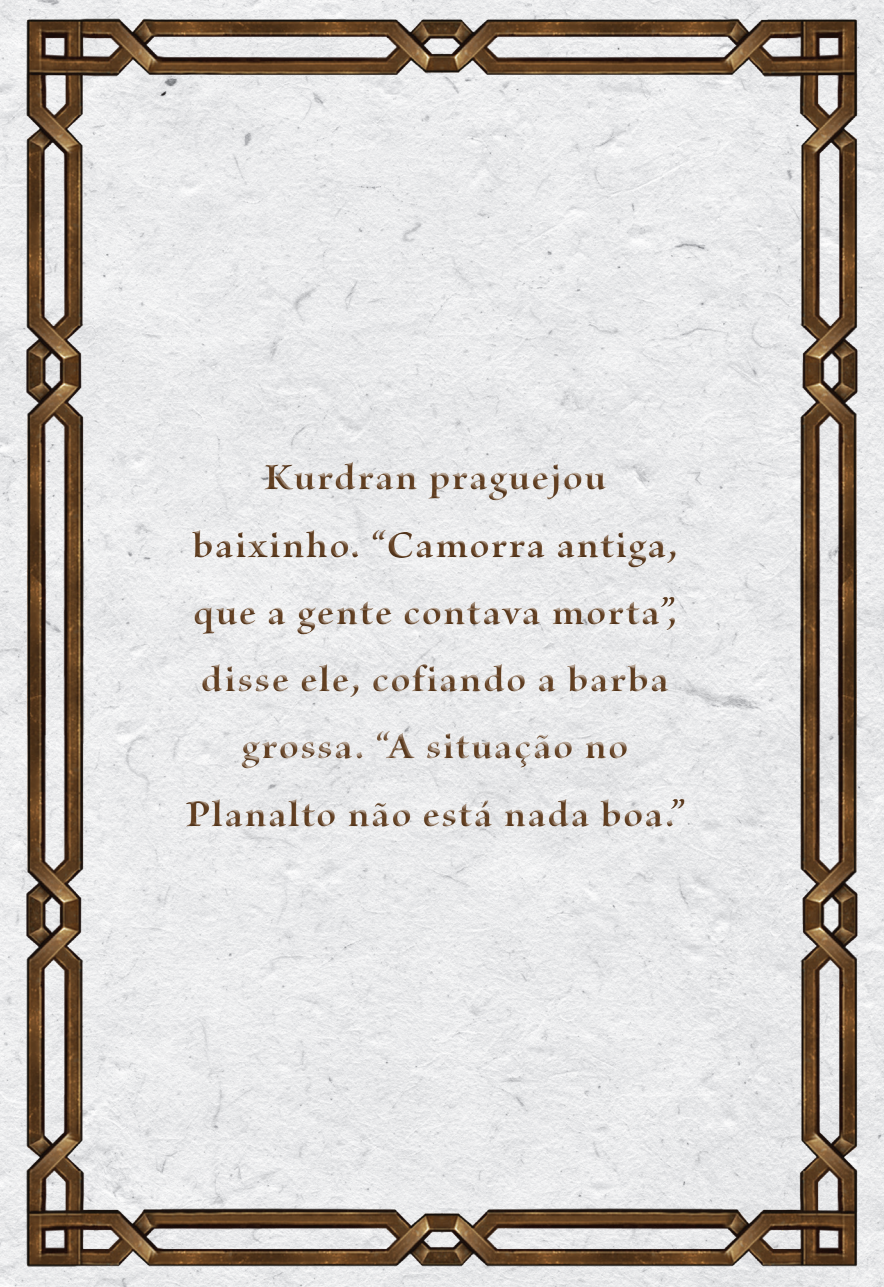
Jaina observou Tess e Umbric trocarem um olhar e Thalyssra se abaixar para ouvir algo que Kiro lhe sussurrava no ouvido. Em seguida, olhou para Thrall, mas o ex-Chefe Guerreiro estava em silêncio, de cenho novamente franzido. Ele estudava o mapa, não as pessoas em volta.

Danath ergueu as mãos. “*Por favor*, já discutimos isso.” Ele suspirou e começou a contornar lentamente a mesa. “Eu entendo seus medos, mas você esquece que Stromgarde ainda pena para se recuperar da Quarta Guerra. Marran solicitou auxílio da 7ª Legião para ajudar os fazendeiros a rechaçar predadores, treinar novos soldados para ajudar a Aliança e manter o governo da família enquanto estou ausente. Tenho a confiança de que ela está fazendo o que julga necessário como líder e que o assunto será facilmente resolvido.” Houve murmúrios em torno da mesa, mas Danath não se deteve. “*Aqui*. Eis a sua força-tarefa. A 7ª Legião *e...*” Ele fez sinal com a cabeça ao passar por Aggra: “Os Kor’kron. Duas das melhores forças armadas de Azeroth. Treinadas. Prontas! Não poderíamos esperar um exército melhor.”

Ele parou, terminando novamente ao lado de Jaina e Thrall. Ele olhou para ambos. “Marran dará ouvidos a você, Jaina. Ouvi dizer que ela tem você e sua mãe em alta conta. Também escreverei para ela, para contar da sua chegada e mandá-la preparar a 7ª Legião. E, embora eu não conheça Geya’rah, eu conheço *voce*, Thrall. A Horda pode não ter um Chefe Guerreiro, mas o comando dos Kor’kron ainda é seu.”

Thrall olhou nos olhos de Danath por um tempo, e por fim assentiu. Seu olhar cruzou com o de Jaina. “Pode ser a nossa melhor opção, tanto para arregimentar a força-tarefa quanto para evitar um conflito maior.”

Jaina refletiu. A situação no Planalto Arathi parecia no mínimo delicada, mas Danath estava certo. Precisavam de um exército, e lá estavam *dois*, à espera de um alvo adequado.



Kurdran praguejou
baixinho. “Camorra antiga,
que a gente contava morta”,
disse ele, cofiando a barba
grossa. “A situação no
Planalto não está nada boa.”

Jaina pegou o cajado. “Então assim será. Darei a ordem para a frota zarpar para Stromgarde. Quando ela chegar, a força-tarefa já estará pronta. Thrall, você vai à Ruína do Martelo negociar com Geya’rah a liberação dos Kor’kron.”

“Também vou”, afirmou Aggra. Ela contornou a mesa para se juntar a Thrall. “Geya’rah é uma irmã para mim.” Ela pôs a mão no ombro do companheiro. “Eu juro que ela vai escutar.”

“Tudo acertado”, declarou Jaina. “Danath e eu vamos a Stromgarde.”

“Eu sinto muito, Lorde-almirante”, retrucou Danath, baixando a cabeça. “Já passei tempo demais fora de Ventobravo. Turalyon mandou mensagens. Disse que precisa que eu retorne à corte com urgência. Mas, pela minha honra, Marran ouvirá você e suas palavras sobre o assunto com prazer.” Ele sorriu.

“Muito bem” disse Jaina. Ela se virou para os líderes ali reunidos. “Agradeço a todos pela coragem e consideração demonstradas neste concílio. Sessão encerrada.”

Enquanto os líderes começavam a fazer fila para se retirar, Jaina dirigiu-se a Thrall e Aggra.

“Preparem-se”, disse ela, conjurando um portal. “Partimos imediatamente.”



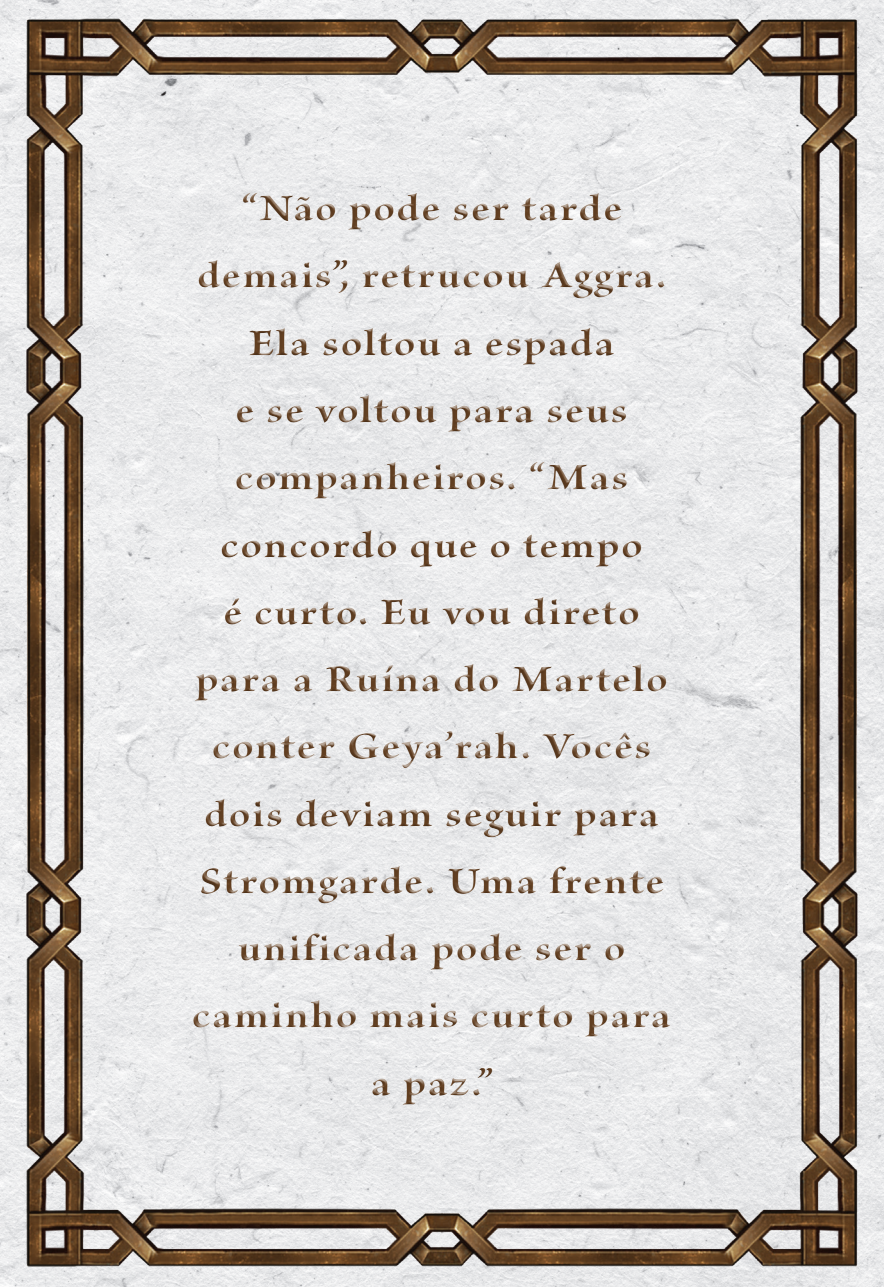
Jaina, Thrall e Aggra mal haviam passado pelo portal de Boralus para o Planalto Arathi quando sentiram que a situação mudara drasticamente. Haviam chegado numa ravina, oculta por encostas íngremes. Assim que se situaram, Aggra correu à frente, bufando palavras. Jaina a viu se agachar ao lado de um corpo que jazia de bruços.

E não era o único.

Thrall passou por cima de um cadáver humano, cuja armadura fora rachada a golpes de machado.

“Ah, não”, sussurrou Jaina. Ela contou os corpos, doze ao todo, seis humanos com as cores da 7ª Legião, seis orcs nas peles e couros dos Kor’kron. Com um olhar preocupado para o topo das colinas ao redor, ela se juntou aos outros dois. “O que aconteceu?”

Aggra puxou uma espada ensanguentada da 7ª Legião do corpo do Kor’kron mais próximo. “Uma luta até a morte”, afirmou. Ela se ergueu e usou a espada para



“Não pode ser tarde demais”, retrucou Aggra.

Ela soltou a espada e se voltou para seus companheiros. “Mas concordo que o tempo é curto. Eu vou direto para a Ruína do Martelo conter Geya’rah. Vocês dois deviam seguir para Stromgarde. Uma frente unificada pode ser o caminho mais curto para a paz.”

indicar diversos orcs com flechas cravadas em pontos fracos das armaduras. “Os humanos armaram uma emboscada...”

Thrall acompanhou o raciocínio de sua companheira de vida. “E descobrimos que os Kor’kron são adversários formidáveis.” Ele observou a cena sangrenta com uma expressão severa. “Uma batalha de aniquilação mútua. Duas forças pequenas, equilibradas em número e talvez igualmente... que tolíce... surpresas com a força do inimigo.” Ele olhou para Jaina. “Receio que tenhamos chegado tarde demais.”

“*Não pode ser tarde demais*”, retrucou Aggra. Ela soltou a espada e se voltou para seus companheiros. “Mas concordo que o tempo é curto. Eu vou direto para a Ruína do Martelo contra Geya’rah. *Vocês dois* deviam seguir para Stromgarde. Uma frente unificada pode ser o caminho mais curto para a paz.”

Thrall assentiu. “Boa sorte, meu amor”, disse. Os dois seguraram as mãos um do outro. E, sem mais palavra, Aggra partiu correndo rumo à colina ao norte, que escalou habilmente antes de sumir de vista.

Thrall a observou partir e, então, voltou-se para Jaina. “Para Stromgarde, então.”

Mas, assim que chegaram a campo aberto, Jaina ouviu um sibilo. Antes que ela o percebesse, Thrall balançou onde estava e deu um passo trôpego para trás. A vara com penas do projétil brotava da armadura, entre as peças do ombro e do peito.

Jaina girou, pondo-se instintivamente entre Thrall e o arqueiro. Ela ergueu o cajado e lançou um escudo protetor. Outro sibilo, mas dessa vez a flecha ricocheteou no escudo. Aquele momento bastou para que Jaina localizasse seu alvo. Ali, na copa da árvore solitária no topo da colina oposta, algo se moveu. Uma figura encapuzada abandonou a cobertura, de arco erguido e aljava batendo nas costas enquanto corria.

De pronto Jaina cerrou o punho e lançou com ele um orbe de energia púrpura que voou crepitando até a encosta. Logo depois, a árvore explodiu em labaredas amarelas e cor-de-rosa, mas não havia sinal do arqueiro. Numa imprecação, ela se ajoelhou ao lado de Thrall.

“Deixe. Eu vou ficar bem”, disse Thrall, com um gesto para que ela se afastasse. Ele segurou a haste da flecha, que ainda se projetava de sua carne, e a puxou num movimento só. Ergueu a flecha para examiná-la. “Pelo menos é o que espero.”

Jaina olhou mais detidamente a ponta. Estava manchada de sangue, líquido

quase preto, mas havia algo mais, outra substância, reluzente, azul, oleosa. Arregalou os olhos, horrorizada.

“Veneno? Thrall, você...”

Thrall jogou a flecha fora e tentou mexer o ombro ferido. Ele estremeceu. A ferida ainda sangrava. “Eu vou ficar bem”, garantiu, e parou. “Mas precisamos chegar a Stromgarde, e rápido.” Num gesto, ele indicou as colinas. “Vá na frente.”

SOBRE O AUTOR

Adam Christopher é o autor bestseller do New York Times de Star Wars: Shadow of the Sith e Stranger Things: Darkness on the Edge of Town. Ele também escreveu romances oficiais para a famosa série de TV da CBS Elementary e para a premiada franquia de videogame Dishonored. Cocriador da encarnação do século 21 de Escudo, super-herói da Archie Comics, Adam escreveu para a série Lazarus, de Greg Rucka e Michael Lark, da Image Comics, e para o universo de Doctor Who, da Big Finish. Colaborador da série antológica de aniversário de sucesso internacional Star Wars: From a Certain Point of View, Adam também escreveu para a HQ Star Wars Adventures, da IDW, voltada para todas as idades. Entre os romances originais de Adam estão Made to Kill e The Burning Dark, e seu romance estreia, Empire State, foi o Livro do Ano da SciFi Now e do Financial Times.